

O CONCEITO DE FILOSOFIA COMO PROBLEMA FILOSÓFICO NO ENSINO MÉDIO

Flávio Luiz Castro Freitas¹

Luciano Santiago Maquine²

Ora, a instrução é como a liberdade:

não se concede, conquista-se.

(Jacques Rancière, *O mestre ignorante*)

RESUMO

Este artigo pretende explicitar a natureza das relações entre o problema filosófico e o ensino de filosofia. Para tanto, adota-se como hipótese de trabalho a ideia de que o conceito de filosofia é o primeiro problema filosófico que se apresenta a todo professor de filosofia do ensino médio. Ademais, para desenvolver essa hipótese divide-se este trabalho em quatro partes específicas: 1. O que é um problema filosófico?. 2. Por que o conceito de filosofia é um problema filosófico?. 3. Com qual conceito de filosofia trabalhar no ensino médio?. 4. O conceito de filosofia e a identidade filosófica do professor no ensino médio.

PALAVRAS-CHAVE: Conceito; Problema filosófico; Ensino; Professor; Filosofia.

ABSTRACT

This article intends to explain the nature of the relations between the philosophical problem and the teaching of philosophy. For this, it is adopted as a working hypothesis idea that the concept of philosophy is the first philosophical problem that is presented to every teacher of philosophy of high school. In addition, to develop this hypothesis, this work is divided into four specific parts: 1. What is a philosophical problem? 2. Why is the concept of philosophy a philosophical problem? 3. Which philosophy concept work in high school ?. 4. The concept of philosophy and the philosophical identity of the teacher in high school.

¹ Doutor em Filosofia com área de concentração em Estrutura e Gênese do Conceito de Subjetividade pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), cuja linha de pesquisa é a subjetividade na filosofia da psicologia e da psicanálise, com estágio sanduíche pela Université Paris 1 - Panthéon Sorbonne. Além disso, possui graduação em Filosofia, especialização em Filosofia Política e mestrado em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com ênfase em filosofia da psicologia e teoria da afetividade. Atualmente, é professor efetivo adjunto I DE no campus V e professor permanente do Programa de Pós-Graduação (nível mestrado) Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão - PGCult. Também é líder do Grupo de Pesquisa em Teoria da Afetividade na Idade Moderna, Filosofia das Psicologia e das Psicanálises e é membro integrante do GT Deleuze- Anpof.

² Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (1997). Especialização em Problemas Fenomenológicos e Hermenêutica pela AVM Faculdade Integrada. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Moderna e Filosofia Contemporânea, tendo como preferência, os seguintes temas: ética, mitologia, teoria do conhecimento, filosofia da mente e hermenêutica. Também possui experiência na Área de Metodologia Científica. Atualmente está cursando Mestrado Profissional em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão.

KEYWORDS: Concept; Philosophical Problem; Teaching; Teacher; Philosophy.

Introdução

Este artigo trata do ensino de filosofia no nível médio. De maneira mais específica, nosso objetivo geral consiste em desenvolver o seguinte problema: na perspectiva do ensino de filosofia no nível médio, em que medida o conceito de filosofia pode ser considerado um problema filosófico?

Nossa hipótese de trabalho parte da ideia de que o conceito de filosofia é o primeiro problema filosófico que se apresenta a todo professor de filosofia do ensino médio. Diante disso, é preciso escolher e definir um conceito de filosofia que seja capaz de demonstrar para os alunos tanto a identidade filosófica do professor, quanto a sua perspectiva para o ensino da filosofia.

Para tanto, desenvolvemos este artigo através de quatro tópicos: 1. *O que é um problema filosófico?*. 2. *Por que o conceito de filosofia é um problema filosófico?*. 3. *Com qual conceito de filosofia trabalhar no ensino médio?*. 4. *O conceito de filosofia e a identidade filosófica do professor no ensino médio*. Assim, esses tópicos buscam fazer uma reflexão sobre a problemática aqui proposta.

Ademais, o presente artigo se justifica tanto a nível acadêmico, quanto social. A nível acadêmico, uma vez que estamos buscando explicitar as razões do conceito de filosofia ser considerado um problema filosófico e quais são as implicações disso para o ensino da filosofia no nível médio.

A nível social, pois estamos preocupados com o processo de construção da compreensão dos alunos do ensino médio com relação ao ensino de filosofia. Entendida aqui como uma disciplina que capaz de contribuir no desenvolvimento do senso crítico e voltada para despertar a autonomia de pensamento.

1.O que é um problema filosófico?

Um dos pontos centrais de todo professor de filosofia que trabalha no ensino médio é deixar claro para o aluno o que é um problema filosófico, e, que o motor da filosofia e de todo o filosofar está constituído fundamentalmente pelos problemas filosóficos, de acordo com (GALLO, p.70, 2012): “Se a filosofia é um sentimento de ignorância, é porque nela é

fundamental a experiência do *problema*. Não se produz filosofia sem um problema, o que nos leva a afirmar que o problema é o *motor* da experiência filosófica do pensamento”. É preciso deixar isso claro para o aluno.

Um problema filosófico está constituído fundamentalmente por questões abertas que podem encerrar uma variedade de respostas e essas respostas nunca se apresentam como definitivas, mas sempre podem apresentar novas possibilidades. Os problemas filosóficos são conceituais, não empíricos.

Consideremos o seguinte problema: qual é a composição química da água? Devemos perguntar para o aluno: será um problema filosófico? Podemos responder a este problema olhando para o mundo? Fazendo observações? Experiências? Para descobrir a composição química da água não basta raciocinar, temos que recorrer também a observação; saber qual é a composição química da água é um problema empírico; logo, não é um problema filosófico, porque os problemas filosóficos são conceituais, não empíricos.

Em seguida, devemos apresentar para o aluno o seguinte problema: temos o dever de dizer sempre a verdade? Esta questão não pode ser respondida recorrendo a observação, porque não é um problema empírico; logo, as experiências empíricas (a física, a química, a história, a sociologia etc.) não lhe podem dar resposta.

A resposta a esse problema só pode ser dada através do pensamento, do raciocínio. Dessa maneira, trata-se de um problema filosófico, porque é conceitual e não empírico. Logo, estudar filosofia é diferente de estudar história ou física ou matemática (é diferente de estudar ramos da atividade científica).

Em filosofia, estudamos problemas em aberto, isto é, problemas que não têm respostas consensuais. Em vez de procurarmos apenas compreender as ideias dos filósofos, temos de aprender a discutir ideias filosóficas.

Existem porém questões mais complexas que podem confundir os alunos se não forem bem explicitadas, como por exemplo quando apresentamos para os alunos as seguintes questões: Que é a vida? Que é a morte? Que é a justiça? O que faz com que essas perguntas sejam um problema filosófico e não um problema empírico? Cerletti (2009, p.23) nos ajuda nessa questão quando nos diz que:

em princípio, que a definição do carácter filosófico de uma pergunta depende do tipo de resposta esperada por aquele que a formula. Ou seja, o que faz com que uma interrogação possa ser considerada filosófica, fundamentalmente, está mais na intencionalidade de quem pergunta, ou se pergunta, do que na

pergunta em si. Isto quer dizer que as mesmas palavras que compõem uma pergunta poderiam tanto sustentar uma inquietude filosófica, como não.

O que Cerletti quer nos dizer é que todas essas perguntas podem ser respondidas pelo ponto de vista da biologia, da medicina e do direito. O que faz com que essas perguntas apresentem um caráter filosófico, ou seja, um problema filosófico, são a intencionalidade que se encontra por trás da própria pergunta e o foco ao qual essa pergunta se direciona.

Com relação à “intencionalidade”, um problema filosófico é a expressão algum tipo de atitude originante do filosofar, a qual, por sua vez, não deve ser confundida com um princípio filosófico, mas ela é o comportamento específico voltado a ocupar-se da filosofia. Trata-se de algo condicionante e anterior aos problemas filosóficos, mas que se expressam através deles (BORHEIM, 2009, p. 25 – 27).

Compreendemos e sustentamos que cada atitude originante do filosofar, independente da forma específica que se expressam nos problemas filosóficos (admiração, dúvida ou insatisfação moral), decorre do efeito de um signo do mundo sobre nós. Um signo é algo nos força a pensar. É um tipo de violência que atua sobre o pensamento, impondo temas e situações que recebem os contornos de problema filosófico.

Esses contornos dizem respeito ao foco do problema. O foco de um problema filosófico diz respeito à fundação e à fundamentação do pensamento durante seu próprio exercício. Tamanho exercício concerne ao processo de questionamento das razões, dos “porquês” e dos princípios que sustentam os projetos filosóficos dos autores, bem como de seus conceitos e de suas teses.

Nesse sentido, apresentar diferenciações entre a natureza de um problema empírico e a natureza de um problema filosófico, é muitas vezes bastante esclarecedor para os alunos do nível de médio, pois eles conseguem perceber de forma imediata que os problemas empíricos sempre encerram questões que dependem da observação, são questões estáticas e definitivas.

Já os problemas filosóficos são dinâmicos, complexos, múltiplos, variáveis, heterogêneos. Nesse sentido os problemas filosóficos constituem a especificidade da filosofia. Portanto, em filosofia se trabalha essencialmente com problemas filosóficos.

2. Por que o conceito de Filosofia é um problema filosófico?

Se trabalhamos essencialmente com problemas filosóficos, isso significa que a filosofia não é o domínio do capricho vulgar, no qual cada um diz aquilo que quiser. O já mencionado caráter não-empírico da mesma não é uma pura arbitrariedade, nem mesmo uma

confusão crônica. Ainda que existam múltiplos projetos de distintos autores, conforme Porta (2002, p. 25):

Para quem não se dedicou a um estudo sistemático da filosofia e tem um contato primário com essa disciplina, a impressão de um certo caos é inevitável. A filosofia é vista como um espaço onde reina o capricho, podendo cada um dizer o que quiser. Seu caráter não-empírico é entendido como pura arbitrariedade, quando não uma confusão crônica. Porém, essa impressão é falsa: a filosofia não é o caos de pontos de vista incomensuráveis, nem consiste simplesmente em possuir certezas. Trata-se de ter opiniões sobre certos temas bem definidos e sustenta-las em algo diferente de uma convicção pessoal; mais ainda, o núcleo essencial da filosofia não é constituído de crenças tematicamente definidas e racionalmente fundadas, senão de problemas e soluções.

Além disso, é oportuno lançarmos mão de algum critério para caracterizarmos um problema filosófico. Para tanto, Porta (2002, p.31) apresenta a pergunta gramaticalmente completa como um critério mínimo para identificação do problema filosófico, todavia elucidada também que devemos ter os seguintes cuidados:

Isto não quer dizer que toda pergunta:

- a. é uma pergunta filosófica.
- b. fixa o problema enquanto tal (sem degradá-lo a um novo saber).
- c. fixa o problema suficientemente.
- d. e que nem sequer basta prestar atenção à pergunta que um autor explicitamente se faz em um texto para entender seu problema.

Sendo assim, o primeiro problema que nos deparamos com o ensino da filosofia no nível médio concerne ao próprio conceito da palavra filosofia. Diferente de outras disciplinas e áreas do conhecimento, a filosofia é a única que possui múltiplos e variados conceitos para defini-la. Cada filósofo e cada corrente filosófica definiu a filosofia de acordo com os problemas que foram apresentados em cada época e período histórico.

O problema reside justamente aqui. De acordo com Cerletti (2009, p.26): “...não há uma resposta unívoca a essa questão. Cada corrente filosófica, ou cada filósofo, caracteriza a filosofia de acordo com suas propostas teóricas...”. E ainda Savater (2001, p.209 apud GALLO, 2012, p.39):

(...) não existe ‘a’ filosofia, mas ‘as’ filosofias e, sobretudo, o filosofar. ‘A filosofia não é um longo rio tranquilo, em que cada um pode pescar sua verdade. É um mar no qual mil ondas se defrontam, em que mil correntes se opõem, se encontram, às vezes se misturam, se separam, voltam a se encontrar, opõem-se de novo...cada um o navega como pode, e é isso que

chamamos de filosofia' [...]. Há uma perspectiva filosófica (em face da perspectiva científica ou artística), mas felizmente ela é multifacetada (...).

Como definir e apresentar um ou mais conceitos para explicitar o que é filosofia? Uma das posições que defendemos é que é preciso defini-la ou, minimamente, caracterizá-la. Mas essa definição tem que estar em consonância com o próprio perfil de como o professor vive a filosofia e qual a posição particular, qual a identidade filosófica do professor, qual é seu ponto de partida.

O conceito de filosofia que será apresentado aos alunos para trabalhar durante um ano letivo tem que estar de acordo com a identidade filosófica do professor, que expressará efetivamente os conteúdos que serão trabalhados a partir deste prisma.

Do contrário se corre o risco de transformar o ensino da filosofia em uma verdadeira “salada de frutas”, que poderá apenas gerar confusão na cabeça dos alunos. O professor tendo bem claro com qual conceito trabalhar, haverá uma grande possibilidade de tornar mais perceptível o ensino de filosofia nesse nível de ensino.

Defendemos a postura da necessidade de escolha de um conceito de filosofia, que possa defini-la, não com a intenção de torna-la estática e dogmática, mas com intenção de se começar a filosofar de algum ponto onde transpareça a própria identidade do professor, e, que a partir daí, seja possível problematizar junto com os alunos, outros conceitos que se apresentem durante o percurso do ensino filosófico.

O conceito de filosofia apresentado aos alunos pelo professor, se o professor for autêntico, terá condições de demonstrar a partir de qual ponto o professor inicia o seu filosofar. O conceito também não deve ser dado como algo acabado e fechado, deve ser problematizado pelos alunos.

É preciso, caso se pretenda construir um ensino filosófico, e não meramente a transmissão de conteúdos filosóficos, oportunizar a ocasião para que os alunos possam problematizar o próprio conceito apresentado pelo professor. Tendo aparecido essa possibilidade, é possível começar a filosofar a partir do próprio conceito da palavra filosofia.

Claro que é sempre interessante apresentar o conceito etimológico da origem da palavra filosofia e o conceito dado por outros filósofos, somente com a intenção de deixar claro na cabeça dos alunos, que a filosofia possui múltiplos e variados conceitos, e não com a intenção de fazê-los decorar ou assimilar esses conceitos.

Essa questão que apresentamos aqui é, ao nosso ver, o primeiro problema filosófico que se apresenta a todo professor que esteja disposto a trabalhar com o ensino da filosofia de

forma filosófica, ou seja, o problema do conceito da filosofia reside na sua multiplicidade, na sua pluralidade, na sua face multifacetada.

3.Com qual conceito de filosofia trabalhar no ensino médio

Propomos aqui dois conceitos de filosofia que a experiência em sala de aula nos mostrou ao longo de anos ministrando a disciplina de filosofia, ser bastante razoável e compreensível para os alunos obterem uma compreensão do que é, e do que trata a filosofia no ensino médio. O primeiro conceito que escolhemos foi o de Saviani (1985, p.24) que nos diz que: “ A filosofia é uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta”.

Escolhemos esse primeiro conceito para explicitar para os alunos de forma mais sintética e compreensível algumas características da filosofia. Explicitamos primeiramente para os nossos alunos que a filosofia é uma reflexão radical porque procura as raízes do problema colocado em questão. A filosofia não se conforma com a superficialidade. Busca ir ao fundo de cada questão não se conformando com a aparência das coisas, com as sombras – lembremos da alegoria da caverna de Platão. É preciso perceber o que são as sombras, as aparências, as ilusões.

É uma reflexão rigorosa, porque procura sempre cumprir com rigor, através de um método próprio, as exigências da reflexão filosófica, não se limitando ao senso comum. A filosofia não é qualquer pensamento bonito, mas é o exercício de uma reflexão rigorosa, que surge a partir da radicalidade de um problema filosófico colocado em questão, dessa maneira não pode investigar e analisar uma questão de qualquer forma.

É preciso um pensamento consistente, rigoroso, que consiga ir além do ilusório, do fantasioso, do aparente. O rigor, portanto, é uma das características do pensamento filosófico consistente, sistemático. É uma reflexão de conjunto, porque toda a reflexão filosófica está baseada no contexto social, histórico, político, económico, cultural e na própria tradição em que o problema se apresentou.

Quão mais podemos ver uma questão de diferentes ângulos e dimensões do pensamento, mais chances teremos de compreender uma dada questão de forma mais ampla, profunda e abrangente. Deve ser portanto, uma tarefa da filosofia, desenvolver essa reflexão de conjunto, e, não ficar circunscrita a apenas um ângulo de análise, de percepção. A realidade é sempre multifacetada, e, só uma reflexão de conjunto pode captá-la de uma forma mais profunda.

O segundo conceito que propomos é também uma sugestão dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio Mais (PCN+EM) que conceitua a filosofia como: "... uma reflexão crítica a respeito do conhecimento e da ação, a partir da análise dos pressupostos do pensar e do agir e, portanto, como fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas".

Este conceito apresenta a filosofia como uma reflexão crítica a respeito do conhecimento e da ação. Ou seja, aqui podemos apresentar para os alunos, que está reflexão se dá tanto quando abordamos a Teoria do Conhecimento, quanto quando abordamos a Filosofia da Ciência, que são áreas da filosofia, onde se faz uma reflexão sobre as possibilidades do ato de conhecer e dos métodos de investigação científica. Portanto, este conceito permite apresentar para os alunos a filosofia a partir de suas áreas específicas.

Reflexão crítica a respeito da ação, ou seja, do agir humano. Aqui podemos também apresentar para o aluno outra área da filosofia, que é a ética, onde se trata da questão da moral e da conduta do homem dentro do contexto social, político, cultural e econômico que o mesmo está inserido.

O conceito dado pelos Parâmetros Curriculares, também apresenta a filosofia como fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas, ou seja, em algum sentido podemos apresentar a filosofia como fundamento do saber. Não de um saber estático e alienante, manipulado e conduzido pela máquina estrutural do Estado, mas de um saber que se negue a dizer que sabe, vejamos Sócrates: "Só sei que nada sei" e Rancieri em **O mestre ignorante** que apresenta uma crítica ferrenha as pedagogias do mestre explicador.

Esses dois conceitos muito nos ajudaram ao longo dos anos ao apresentar a filosofia aos alunos do ensino médio e a levá-los a compreender, pelo menos em parte algumas especificidades da filosofia e a instiga-los a prática do filosofar.

4.O conceito de Filosofia e a identidade do professor no ensino médio

Por que é importante escolher um conceito de filosofia no ensino médio? Não se começa a filosofia desde lugar nenhum, por isso defendemos a tese nesse artigo de que o ponto de partida é o próprio conceito da palavra filosofia.

Ao se escolher o conceito de filosofia que se vai trabalhar no ensino médio, essa escolha não deve ser aleatória nem sem significado para o professor, pois a escolha do conceito de forma consciente permite ao professor definir tanto para os alunos, quanto para si mesmo, a

identidade e a perspectiva filosófica com a qual se vai trabalhar. Gallo (2012, p.129) nos ajuda a refletir sobre essa questão:

Sabemos que há diversas filosofias. A primeira tarefa do futuro professor é saber localizar-se nessa multiplicidade e escolher sua perspectiva. Quando ensinamos filosofia, nós o fazemos desde uma determinada perspectiva. O risco é ensinar a perspectiva como se fosse a toda a filosofia, ou como se fosse a única filosofia, ou ainda como se fosse a melhor das filosofias. A melhor maneira de escapar dessa armadilha, parece-me, é ter clareza em relação a que perspectiva de filosofia adotamos e deixar claro para os nossos alunos que ensinamos a partir dessa perspectiva, sem com isso querermos esgotar o campo filosófico.

É nesse fato explicitado por Silvio Gallo que reside a questão tanto da identidade do professor, quanto da perspectiva a ser adotada no ensino da filosofia no nível médio. Por haver diversas filosofias e cada filósofo ter produzido um conceito próprio de acordo com as suas perspectivas teóricas dos conceitos, o professor precisa localizar-se nessa multiplicidade e escolher sua própria perspectiva teórica através do conceito que vai adotar em suas aulas, para que não venha posteriormente cair em um ecletismo absurdo, sem direcionamento nenhum, onde nem o professor nem o aluno conseguem se entender.

A escolha de um conceito ou uma concepção filosófica para o ensino da filosofia não significa doutrinar, pois “doutrinar não é ensinar uma doutrina, mas ensiná-la como se fosse a única” (MORAIS apud GALLO, 2012, p.39).

A escolha do conceito a se trabalhar nesse nível de ensino assume aqui apenas a perspectiva teórica do professor, mas não tem a intenção de tornar estático o pensamento do aluno, nem muito menos a intenção de doutrinar. Se deve sempre partir do ponto que o aluno deve exercer sua liberdade de expressão, para que de acordo com seu amadurecimento filosófico possa confrontar outros conceitos de filosofia com o conceito dado pelo professor. Se o aluno é capaz de exercer essa liberdade de forma plena e espontânea significa que o professor não doutrinou nem acorrentou o pensamento do aluno no seu.

A filosofia é, possivelmente, o campo de saber mais plurívoco e, portanto, aberto e suscetível de muitos equívocos. Não se pode falar em ‘filosofia’ de forma geral, sem dizer de que filosofia falamos. Da mesma maneira, não se pode falar em ‘ensinar filosofia’ como se se tratasse de algo geral e universal. Enunciando de forma um pouco diferente o que foi afirmado acima, falar em ensinar filosofia é falar em ensinar uma determinada filosofia, ou ensiná-la a partir de uma determinada perspectiva. (GALLO, 2012, p.38)

Diante de tudo que foi exposto, acreditamos que a escolha de um conceito de filosofia para se trabalhar no ensino médio, tem a intenção meramente de deixar claro para o aluno sobre a identidade filosófica do professor e de qual perspectiva se propõe e se ensina a filosofar. Em relação a isso, Freitas (2016, p. 91) corrobora nosso argumento e afirma que, em relação aos professores de filosofia, existe um íntima relação entre “biografia” e “bibliografia”:

Cortar e recortar tem a ver com a aula de filosofia. Selecionar conteúdos também significa cortar partes e elementos, cujo movimento decorre de critérios que, com base em razões específicas, foram também recortados em meio a tantos outros critérios. Essas razões são fruto das articulações entre biografia e bibliografia na vida de cada professor de filosofia. Tãmanha articulação, por sua vez, não deixa ser um corte e uma costura.

6.Considerações finais

É apropriado retomarmos nosso problema inicial: : na perspectiva do ensino de filosofia no nível médio, em que medida o conceito de filosofia pode ser considerado um problema filosófico? Nossa hipótese de trabalho parte da ideia de que o conceito de filosofia é o primeiro problema filosófico que se apresenta a todo professor de filosofia do ensino médio. Diante disso, é preciso escolher e definir um conceito de filosofia que seja capaz de demonstrar para os alunos tanto a identidade filosófica do professor, quanto a sua perspectiva para o ensino da filosofia.

Com isso, nosso intento neste artigo foi fazer uma reflexão sobre o primeiro problema filosófico que se apresenta a todo professor do ensino médio que se propõe a ensinar filosofia. Discutimos e apresentamos que o primeiro problema que se apresenta é justamente o conceito de filosofia. Além disso, apresentamos também uma explicitação sobre o que é um problema filosófico, para que o professor construa a ideia, junto à compreensão dos alunos do ensino médio, que a filosofia trabalha essencialmente com problemas filosóficos, os quais são o motor da própria filosofia e do devir do pensamento filosófico.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação, Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

- BORHEIM, Gerd. **Introdução ao filosofar** – o pensamento filosófico em bases existenciais. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.
- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FREITAS, Flávio Luiz de Castro. “Uma” aula de filosofia “e” as ciências humanas. In: FERNANDES, Clever Luiz; MIRANDA, Wandefilson Silva de. **A filosofia nas escolas**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.
- GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas-SP: Papirus, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lílian do Valle. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PORTA, Mário Ariel Gonzalez. **A filosofia a partir de seus problemas** – didática e metodologia do estudo filosófico. São Paulo: Edições Loyola, 2002.